

O ENSINO BILINGUE E SUAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA E A FUNÇÃO DAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

Carlos Ryan Silva de Araujo ¹

INTRODUÇÃO

O ensino bilíngue e as salas de recursos multifuncionais trouxeram uma forte e ampla inclusão na caminhada educacional dos discentes com surdez trazendo acessibilidade a língua e sua aprendizagem no âmbito educacional.

O bilinguismo surgiu como um pleiteio da comunidade surda que lutaram e busca de uma educação que visa desenvolver os surdos na aquisição da linguagem: L1 (LIBRAS) e L2 (Português escrito). Atualmente a educação de uma forma ampla passou por uma formulação em seus currículos e documentação com a implementação de um documento normativo para unificar a educação brasileira a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que trouxe como um dos focos a educação bilíngue “as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital.

Vejamos a importância das libras como uma linguagem visual e traz um conjunto de práticas para serem abordadas em sala de aula como habilidades e competências que os alunos ouvintes e surdos deve adquirir nas aulas cotidianas nas escolas brasileiras

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa será do tipo bibliográfico com base nos estudos de autores como: Damázio (2007), Gagliare (2015), Skiliar (2001), Pereira (2014), Solé (1998) e o subsídio de materiais já publicados em revistas, jornais, livros e demais fontes que assegurem confiabilidade na proposta estabelecida a temática abordada que está sendo discutida e fundamentada em discursões relação à surdez e as práticas abordadas em sala de aula a respeito do bilinguismo e a língua materna dos surdos.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú-UEVA, Graduado em Letras pelo Centro Universitário Uninter, Especialista em Educação Especial, Psicopedagogo, Especialista em Libras pelo IFPB, Pós-graduando em Metodologias do ensino de línguas no IFPE, Aluno especial no mestrado de linguagem e ensino-PPGLE, Professor da rede municipal de ensino de Patos-PB e de São José do Bonfim-PB, carlosryansilva22@email.com;

REFERENCIAL TEÓRICO

O ambiente educacional que recebe um aluno surdo para ser trabalhado a Língua Portuguesa como uma segunda língua (L2), o aluno deve primeiramente ser alfabetizado visualmente pelas letras e imagens para que possa criar um elo entre ambas a imagem sinalizada com a palavras abaixo para que ocorra familiarização com as duas línguas (L1) e (L2) desde a alfabetização, para que o processo de socialização e alfabetização ocorra como desejado preparando para que produza textos e conheça o mundo interpretado pelo surdo de uma forma clara e objetiva para ele.

A alfabetização de uma criança surda e diferenciada entre a língua materna e a segunda língua, pois Damázio afirma “que conheça os pressupostos linguísticos teóricos que norteiam o trabalho, e que, sobretudo acredite nesta proposta estando disposto a realizar as mudanças para o ensino do Português aos alunos com surdez” (DAMÁZIO, 2007, p.38).

Diante da proposta para o ensino de Língua Portuguesa para os surdos como a Libras e correto afirmar que se trata de aspectos culturais e linguísticos são línguas naturais, mas com modalidades diferentes, LIBRAS- L1 e Português- L2, isso justifica a libras como espaço visual e a Língua Portuguesa oral-auditiva só sendo adquirida pelos surdos por meio de aprendizagem concreta e formal, sendo a Libras como sua língua materna.

Quando analisamos a educação bilíngue no Brasil percebemos que são orientadas através de currículos e documentos normativos que muitas vezes perde a complexidade. Portanto quando analisamos do ponto de vista do ensino da Língua Portuguesa para os surdos, as considerações teóricas, políticas e ideológicas e legais adquirem contornos bem distintos. (SANTANA, 2007, p.28)

E importante salientar que quando se trata da língua portuguesa para surdos está implícito a modalidade escrita centralizada em uma gramática normativa focalizando em erros e acertos tomando como base esses fundamentos que não deve ser fundamentado na cultura surda, pois a Língua Portuguesa e a segunda língua para os surdos, devendo ter maior exploração com metodologias que possa facilitar o entendimento para o desenvolvimento nas aulas práticas em sala de aula com os surdos. (SANTANA, 2007, p.32)

O processo de ensino da Língua Portuguesa como L2 realizado pelo Professor de LIBRAS deverá ser utilizado uma metodologia que visa contribuir na aprendizagem do aluno surdo, sendo desenvolvido o trabalho pedagógico, associando a língua materna com a segunda língua em aprendizado para que ocorra uma aprendizagem contínua.

A metodologia utilizada pelo professor de LIBRAS deverá que adaptar com a Língua Portuguesa através de textos trabalhados para que ocorra melhor compreensão pelo aluno, gerando conhecimento de outra língua.

O bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social: a Língua de Sinais (que no Brasil é a LIBRAS), e a língua da comunidade ouvinte (Português). (DAMÁZIO, 2007, p. 20)

Muitos alunos surdos são desestimulados e até mesmo desistindo da sua jornada acadêmica por falta de metodologias acessíveis, referente à Língua Portuguesa na questão da escrita por não conhecerem e sentir dificuldades nos conectivos da coerência na produção de textos e de frases trabalhadas por educadores.

Diante da perspectiva abordada, toda escola que tem aluno com surdez deveria ter uma capacitação continuada com o objetivo de preparar os professores como deve ser trabalhado em sala de aula por especialistas através de palestras e oficinas, pois a maior dificuldade é não ter conhecimento pelos demais e o próprio município, estado ou instituição particular não oferecer conhecimento como deve ser trabalhado.

As pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio – afetivo linguístico e político – cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem (DAMÁZIO, 2007, p.13).

A pedagogia visual é a prática essencial para acoplar as aulas escritas para alunos surdos não atendendo apenas para esta metodologia, mas que seja uma das tendências inovadoras para que possa chamar a atenção dos discentes nas aulas de língua portuguesa para que seja extinta o pensamento que devo frequentar e realizar as atividades, testes e avaliações por notas, mas por prazer e conhecimento. De acordo com Pereira (2004), “O professor deixa de ocupar o papel principal no processo de ensino e aprendizagem, de detentor do conhecimento, para assumir o papel de parceiro, ajudando cada aluno a progredir na aprendizagem”

O processo de ensino e aprendizagem da escrita na perspectiva da Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos é tema de discussão entre pesquisadores visando mostrar novas metodologias ativas para favorecer melhor rendimento e aprendizagem nos nossos meios educacionais. Porém diversos estudos apontam para essas dificuldades que são

provenientes para uma educação que não atende as demandas linguísticas, que deve ter como objetivo a língua de sinais, assim como o ouvinte entra em contato com outra língua diferente do seu idioma, o surdo com a Língua Portuguesa em sala de aula.

Entretanto o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos deve ser trabalhado através de uma pedagogia visual através de metodologias ativas que favorecem maior aprendizado em sala de aula para ser acessível à compreensão e a significação para os processos socioculturais, culturalmente, socialmente e ideologicamente.

Podemos perceber para que haja

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação bilíngue atualmente deve ser inovada e praticada com materiais concretos, meios digitais e atividades práticas como é abordado no AEE- Atendimento Educacional Especializado não apenas teórica, mas deve ser praticado pelos discentes para que tenha utilidade em sua vida cotidiana para que tais eventualidades sejam surgidas tenha soluções pelos discentes.

Para Damázio (2007, p. 20) o bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social: a Língua de Sinais e a língua da comunidade ouvinte – Português para que, ocorra um bom desenvolvimento social e educacional e pessoal dos surdos incluídos em uma sociedade pouco instruída para se comunicar com os surdos tanto nas salas de aulas por parte dos educadores como em outros departamentos.

As pessoas surdas interagem por meio da visualidade que está em seu alcance visual tendo o maior entendimento para socialização dos fatos e o que está sendo passado para aprendizagem, desta forma a experiência visual é fundamental para a educação dos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão atualmente tem ocorrido em todo o país em todos os meios educacionais mas precisa educadores e formadores desempenhar um papel fundamental de ser agente inclusivo neste processo incluir melhores práticas para que ocorra o bilinguismo nas aulas de Língua Portuguesa, favorecer meios que a Libras seja reconhecida não como gestos ou mímicas, mas uma língua entendida e dialogada pois a LIBRAS não é mímica mas palavras sinalizadas em qualquer discurso público, social ou educacional.

Palavras-chave: Inclusão; Bilinguismo, língua portuguesa, Educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Djair Lázaro. SANTOS, Glaucia Ferreira Dias. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30 - 57, Set. /Dez. 2015.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Brasília

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Volume único. Brasília: MEC/SEB, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na sala de aula).

DAMÁZIO, M. F.M. **Deficiência Auditiva.** Brasília, DF: MEC/SEESP, 2007.

DAMÁZIO, Mirlene F. Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez.** Brasília: SEESP/MEC, 2007.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál., Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

PERREIRA, Maria Cristina da Cunha. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157. Editora UFPR.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: Um processo em construção.** 6º ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021
SKLIAR, C. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **Educação Especial**: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001. p. 85-110.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. Tradução Claudia Schilling. 6° ed. Porto Alegre. Editora: Artmed. 1998.